

# Techezaknu

N°3 novembre 2011



# Habonim Dror Brasil

## Sumário

Editorial .....	3
Reforma ou Revolução? de <i>Rosa Luxemburgo</i> .....	4
Um novo conceito de socialismo de <i>Paul Singer</i> .....	8
Reflexões sobre o Socialismo de <i>Paul Singer</i> .....	10
A Socialização da Sociedade de <i>Rosa Luxemburgo</i> .....	12
<i>Perestroika</i> de <i>Mikhail Gorbachev</i> .....	15

## Editorial

Chegamos ao nosso terceiro *Techezaknu*, e o tema é socialismo, que talvez seja o nosso pilar mais problemático e menos claro para os *chaverim* da *Tnuá*. E esse problema começa na definição de socialismo do nosso Estatuto:

Somos socialistas porque acreditamos em uma via alternativa para satisfazer nossas aspirações humanas de liberdade, justiça e igualdade. Educamos os nossos *chaverim* a serem militantes e ativos de forma política e social em busca da transformação da sociedade em que vivemos.

Qual seria essa via alternativa? Não existe uma definição do que para o *Habonim Dror* é socialismo! Precisamos nos definir! Assim como também precisamos nos definir em relação a manter o socialismo separado, ou juntá-lo com o sionismo como era antigamente. São posições que precisamos tomar, só assim poderemos ter mais claro o que somos.

E para mudar precisamos criar propostas. Uma constatação que fiz, é que temos muito poucas propostas para mexer nas nossas ideologias, a maioria versa sobre questões estruturais. Isso me incomoda muito, pois não acredito na possibilidade de que todo mundo concorda com tudo o que está escrito. Ao pensar sobre isso me veio uma frase famosa do Hillel, que acho muito válida para essa reflexão: “Se eu não for por mim mesmo, quem será por mim? E, se somente por mim, o que eu sou? E, se não for agora, quando?”.

*Ale veAgshem*

Gabriel Arnt

*Rakaz Chinuch Artzi*

# Reforma ou Revolução?<sup>1</sup>

**ROSA LUXEMBURGO**

## **Prefácio**

A primeira vista, o título deste livro pode parecer surpreendente. Reforma social ou revolução? Pode, portanto, a social-democracia opor-se às reformas sociais? Ou pode impor a revolução social, a subversão da ordem estabelecida, que é o seu objetivo social último? Evidentemente que não. Para a social-democracia lutar dia a dia, no interior do próprio sistema existente, pelas reformas, pela melhoria da situação dos trabalhadores, pelas Instituições democráticas, é o único processo de iniciar a luta da classe proletária e de se orientar para o seu objetivo final, quer dizer: trabalhar para conquistar o poder político e abolir o sistema salarial. Entre a reforma social e a revolução, a social-democracia vê um elo indissolúvel: a luta pela reforma social é o meio, a revolução social o fim.

Esses dois elementos fulcrais do movimento operário encontram-se opostos, pela primeira vez, nas teses de Edouard Bernstein, tal como foram expostos nos seus artigos sobre os problemas do socialismo, publicados no *Neue Zeit* em 1897-1898 ou ainda no seu livro intitulado: *Die Voraussetzungen des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokratie*. Toda a sua teoria visa uma única coisa: conduzir-nos ao abandono do objetivo último da social-democracia, a revolução social e, inversamente, fazer da reforma social, simples meio da luta de classes, o seu fim último. O próprio Bernstein exprimiu essas opiniões da maneira mais transparente e mais característica ao escrever: "O objetivo final, qualquer que seja, não é nada; o movimento é tudo".

Ora, o objetivo final do socialismo é o único elemento decisivo na distinção do movimento socialista da democracia burguesa e do radicalismo burguês, o único elemento que, mais do que dar ao movimento operário a tarefa inútil de substituir o regime capitalista para o salvar, trava uma luta de classe contra esse regime, para o destruir; posto isto, a alternativa formulada por Bernstein; "reforma social ou revolução", corresponde para a social-democracia à questão: ser ou não ser .

Na controvérsia entre Bernstein e os seus partidários, o que está em jogo – e no partido cada um deve ter consciência disso – não é este ou aquele método de luta, nem o emprego desta ou aquela tática mas a própria existência do movimento socialista.

É duplamente importante que os trabalhadores tenham consciência desse fato porque é precisamente deles que se trata, da sua influência no movimento e porque é a sua pele que aqui querem vender.

A corrente oportunista no interior do partido encontrou, graças a Bernstein, a sua formulação teórica, que é unicamente uma tentativa inconsciente de assegurar a predominância dos elementos pequeno-burgueses, aderentes ao partido, e inflectir a prática transformando, no seu espírito, os objetivos do partido.

A alternativa: reforma social ou revolução, objetivo final ou movimento é, sob outra capa, a alternativa entre o carácter do pequeno-burguês ou proletário do movimento operário.

---

<sup>1</sup> Retirado do livro: LUXEMBURGO, Rosa. Reforma ou Revolução?. São Paulo, Expressão Popular, 2010

## 1. O Método Oportunista

Se é verdade que as teorias são as imagens dos fenômenos do mundo exterior refletidas no cérebro humano, é necessário acrescentar que, no concernente às teses de Bernstein, são imagens invertidas. A tese da instauração do socialismo por meio de reformas sociais – depois do abandono definitivo das reformas na Alemanha! A tese do controle da produção pelos sindicatos – depois do falhanço dos construtores de máquinas ingleses! A tese de uma maioria parlamentar socialista – depois da revisão da constituição saxônia e dos atentados no Reichstag ao sufrágio universal<sup>2</sup>. Entretanto, o essencial da teoria de Bernstein não é a sua concepção das tarefas práticas da social-democracia, o que interessa é a tendência objetiva da evolução da sociedade capitalista que decorre paralela a essa concepção. Segundo Bernstein, um desmoronamento total do capitalismo é cada vez mais improvável porque, por um lado, o sistema capitalista demonstra uma capacidade de adaptação cada vez maior e, por outro lado, a produção é cada vez mais diferenciada. Ainda na opinião de Bernstein, a capacidade de adaptação do capitalismo manifesta-se primeiro no fato de já não existir crise generalizada, o que se deve à evolução do crédito das organizações patronais, das comunicações e dos serviços de informação; segundo, na tenaz sobrevivência das classes médias, resultado da diferenciação crescente dos ramos da produção e da elevação de largas camadas do proletariado ao nível das classes médias; terceiro, finalmente, melhoria econômica e política do proletariado, através da ação sindical.

Essas observações conduzem a consequências gerais para a luta prática da social-democracia que, na óptica de Bernstein, não deve visar a conquista do poder político, mas melhorar a situação da classe trabalhadora e instaurar o socialismo não na sequência de uma crise social e política, mas por uma extensão gradual do controle social da economia e pelo estabelecimento progressivo de um sistema de cooperativas.

O próprio Bernstein não vê nada de novo nessas teses. Pensa, muito pelo contrário, que estão em conformidade tanto com algumas declarações de Marx e Engels como com a orientação geral até agora seguida pela social-democracia.

No entanto é incontestável que a teoria de Bernstein está em absoluta contradição com os princípios do socialismo científico. Se o revisionismo se limitasse à previsão de uma evolução do capitalismo muito mais lenta do que é normal atribuir-se-lhe, poder-se-ia unicamente inferir um espaçamento da conquista do poder pelo proletariado, o que na prática resultaria simplesmente num abrandamento da luta.

Mas não se trata disso. O que Bernstein põe em causa não é a rapidez dessa evolução, mas a evolução do capitalismo em si mesma e, por consequência, a passagem ao socialismo. Na tese socialista, na afirmação que o ponto de partida da revolução socialista será uma crise geral e catastrófica, é preciso, em minha opinião, distinguir duas coisas: a ideia fundamental e a sua forma exterior.

A ideia é, supõe-se, que o regime capitalista fará nascer de si próprio, a partir das suas contradições internas, o momento em que o seu equilíbrio será rompido e onde se tornará propriamente impossível. Que se imaginava esse momento com a forma de uma crise comercial geral e catastrófica, havia fortes razões para o fazer, mas é, em última análise, um

---

<sup>2</sup> Cada Estado (Land) do Império Alemão tinha a sua Constituição e o seu Parlamento (Landstag). Depois da considerável expansão do movimento socialista, e desde a abolição da lei de exceção, o Saxe instaurou um sistema eleitoral análogo ao existente na Prússia baseado nas categorias do rendimento (Dreiklassenwahl).

detalhe acessório da ideia fundamental. Com efeito, o socialismo científico apoia-se, é sabido, em três dados fundamentais do capitalismo: 1º, na anarquia crescente da economia capitalista que conduzirá fatalmente ao seu afundamento; 2º, sobre a socialização crescente do processo de produção que cria os primeiros fundamentos positivos da ordem social futura; 3º, finalmente, na organização e na consciência de classe cada vez maiores do proletariado e que constituem o elemento ativo da revolução iminente.

Bernstein elimina o primeiro desses fundamentos do socialismo científico: pretende que a evolução do capitalismo não se orienta para um afundamento econômico geral. Por isso não é uma determinada forma de desmoronamento do capitalismo que rejeita, mas o próprio desmoronamento. Escreve textualmente: "Pode-se objetar que quando se fala da derrocada da sociedade atual, visa-se outra coisa que não uma crise comercial geral e mais forte que as outras, a saber, um desmoronamento completo do sistema capitalista em consequência das suas contradições".

E refuta essa objeção nestes termos:

"Uma derrocada completa e mais ou menos geral do sistema de produção atual é a consequência do desenvolvimento crescente, não o mais provável, mas o mais improvável, porque este aumenta, por um lado, a sua capacidade de adaptação e por outro lado – ou melhor, simultaneamente – a diferenciação da indústria". (Neue Zeit, 1897-1898, V, 18, p. 555).

Mas então uma questão fundamental se põe: esperaremos pelo objetivo final para onde tendem as nossas aspirações e, se sim, por que e como? Para o socialismo científico a necessidade histórica da revolução socialista é sobretudo demonstrada pela anarquia crescente do sistema capitalista que o envolve num impasse. Mas, se admite a hipótese de Bernstein: a evolução do capitalismo não se orienta para uma derrocada – e o socialismo deixa de ser uma necessidade objetiva. Aos fundamentos científicos do socialismo restam os dois outros lados do sistema capitalista: a socialização do processo de produção e a consciência de classe do proletariado. Era ao que Bernstein aludia na passagem seguinte:

[Recusar a tese do desmoronamento do capitalismo] “não enfraquece de modo algum a força de convicção do pensamento socialista. Porque, examinando de mais perto todos os fatores de eliminação ou de modificação das crises anteriores, constatamos que são simplesmente premissas ou mesmos germens da socialização da produção e da troca”. (Neue Zeit, 1897-1898, V, 18, p. 554).

Num relance, apercebemo-nos da inexatidão destas conclusões. Os fenômenos apontados por Bernstein como sinais de adaptação do capitalismo: as fusões, o crédito, o aperfeiçoamento dos meios de comunicação, a elevação do nível de vida da classe operária, significam simplesmente isto: anulam, ou pelo menos atenuam, as contradições internas da economia capitalista; impedem que se desenvolvam e se exasperem. Assim, a desaparecimento das crises significa a abolição do antagonismo entre a produção e a troca numa base capitalista; assim, a elevação do nível de vida da classe operária, seja qual for, mesmo quando uma parte desses operários passa a pertencer à classe média, significa atenuação do antagonismo entre o capital e o trabalho. Se as fusões, o sistema de crédito, os sindicatos, etc., anulam as contradições do capitalismo, salvando por esse meio o sistema capitalista da catástrofe (por isso Bernstein chama-lhes "fatores de adaptação") como podem constituir, ao mesmo tempo,

as "premissas ou mesmo os germens" do socialismo? É indubitavelmente necessário compreender que fazem ressaltar mais claramente o caráter social da produção. Mas, conservando-lhe a forma capitalista, tornam supérflua a passagem dessa produção socializada a produção socialista. Assim, podem ser as premissas e os germens do socialismo no sentido teórico e não no sentido histórico do termo, fenômenos que sabemos, pela nossa concepção do socialismo, serem-lhe aparentados mas não suficientes para o instaurar e muito menos para o tornar supérfluo. Só resta, como fundamento do socialismo, a consciência de classe do proletariado. Mas mesmo esta não reflete no plano intelectual as cada vez mais flagrantes contradições internas do capitalismo ou a eminência do seu desmoronamento, porque os "fatores de adaptação" impedem que se produza, reduzindo-se portanto a um ideal, cuja força de convicção repousa nas perfeições que se lhe atribuem.

Numa palavra: esta teoria fundamenta o socialismo num "conhecimento puro", ou para usar uma terminologia clara, é o fundamento idealista do socialismo. Excluindo a necessidade histórica, não deixa de se enraizar no desenvolvimento material da sociedade. A teoria revisionista é obrigada a uma alternativa: ou a transformação socialista da sociedade é consequência, como anteriormente, das contradições internas do sistema capitalista e, então, a evolução do sistema inclui também o acerbamento das suas contradições, acabando necessariamente um dia ou outro na derrocada sob uma ou outra forma e, nesse caso, os "fatores de adaptação" são ineficazes e a teoria da catástrofe é justa. Ou os "fatores de adaptação" são capazes de evitar realmente o desmoronamento do sistema capitalista e assegurar a sua sobrevivência, portanto, anular essas contradições e, nesse caso o socialismo deixa de ser uma necessidade histórica e, a partir daí, é tudo o que se queira, exceto o resultado do desenvolvimento material da sociedade. Este dilema engendra um outro: ou o revisionismo tem razão quanto à evolução do capitalismo – e nesse caso a transformação socialista da sociedade é uma utopia – ou o socialismo não é uma utopia e nesse caso, a teoria dos "fatores de adaptação" perde a sua base.

That is the question: este é o problema.

## Um novo conceito de socialismo

**PAUL SINGER**

A discussão sobre o que entendemos por socialismo não se encerrou com o colapso da URSS nem com a capitulação de governos social-democratas ante o neoliberalismo. No PT, o tema vem sendo abordado em seminários que entram agora em sua terceira série. Ainda não há unanimidade, mas, das análises da experiência histórica, emergem novos conceitos de socialismo, um dos quais será exposto a seguir.

A versão moderna de socialismo cristalizou-se no século 19, por meio de intensos debates. Acabou prevalecendo a tese marxista. Esta procura deduzir cientificamente o socialismo da evolução do capitalismo e de suas contradições. Conclui que ele será instaurado por meio da tomada do poder pelo proletariado, que o utilizará para expropriar os meios de produção, eliminando a propriedade privada do capital. Com isso começará a surgir uma sociedade sem classes, cuja economia será centralmente planejada para a satisfação das necessidades, dispensando a moeda e o livre funcionamento dos mercados.

A luta pelo socialismo, durante o século que findou, foi guiada por essa visão e se desdobrou em duas experiências históricas: a soviética e a social-democrata. O fracasso da primeira é hoje reconhecido por todos e nos legou a lição de que o socialismo não pode abrir mão das conquistas democráticas, inclusive o respeito pelos direitos individuais, entre os quais está a livre iniciativa econômica.

O capitalismo poderá ser superado se todos tiverem acesso a capital para financiar atividades econômicas individuais ou associativas, o que eliminaria a necessidade de parte dos destituídos de propriedade de se assalariar. Mas a proibição do assalariamento por empresas privadas infringiria os direitos humanos tanto dos que eventualmente quisessem comprar como dos que quisessem vender força de trabalho.

A experiência social-democrata deixa a lição positiva de que o Estado de bem-estar social com pleno emprego é capaz de eliminar quase inteiramente a pobreza absoluta em economias capitalistas desenvolvidas. E a lição negativa de que as classes trabalhadoras beneficiadas podem se integrar ao capitalismo, amoldando-se ao desemprego em massa e ao gradativo sucateamento da seguridade social. O capitalismo pôde ser humanizado durante algumas décadas, mas, depois, reassumiu suas características selvagens, dizimando o operariado industrial que o havia desafiado.

A concepção de socialismo que está emergindo se funda na ideia de que ele será construído por iniciativa de comunidades e movimentos sociais, no seio da sociedade civil, e não a partir de um Estado governado por socialistas. O socialismo, para ser autêntico, não pode ser imposto. Ele tem de ser um opção livre dos que rejeitam a dominação e a exploração do trabalho pelo capital. O que significa que a célula da sociedade socialista é a empresa autogestionária, em que todos os que trabalham nela são possuidores do capital e têm os mesmos direitos de participar nas decisões. E a comunidade autogovernada, em que todos os membros são cidadãos e praticam a democracia participativa.

Logo, a construção do socialismo pode de ser iniciada no seio do próprio capitalismo, aproveitando suas contradições maiores, que são o desemprego e a exclusão social. Desempregados e pessoas pobres, que nunca tiveram emprego regular, podem se unir para



gerar trabalho e renda para si, adotando os princípios da economia solidária, que coincidem com os do socialismo.

A luta política pelo socialismo continua sendo importante, pois a conquista de posições de poder permite fazer políticas econômicas e sociais de apoio à economia solidária, como bancos do povo, fomento à formação de cooperativas, programas de renda mínima, bolsa-escola etc. E políticas de apoio à democracia participativa, das quais o exemplo brasileiro mais relevante é o Orçamento participativo.

Nessa nova concepção de socialismo, as conquistas históricas dos movimentos operário, feminista, ambientalista etc., do sufrágio universal ao direito de greve, de acesso gratuito à educação, à saúde etc., criaram instituições que contradizem a lógica do capital e, portanto, são implantes socialistas.

Nas lutas entre liberais e socialistas, nas democracias capitalistas, alguns desses implantes podem ser destruídos e novos podem ser logrados. Mas o decisivo para um eventual avanço rumo ao socialismo está no desenvolvimento de empresas autogeridas e comunidades autogovernadas, cuja prática demonstre a sua superioridade em termos de realização humana. Só essa demonstração poderá levar a maioria a optar livremente pelo socialismo.

## Reflexões sobre o Socialismo<sup>3</sup>

PAUL SINGER

A utopia

O socialismo é uma utopia no sentido estrito do termo: uma visão de sociedade que, atualmente, não existe ainda em lugar algum. Mas, ele não é fruto da imaginação de alguém (como as ‘utopias’ clássicas), mas das lutas de movimentos sociais e partidos políticos, ao longo dos últimos dois séculos, pelo menos. Neste sentido, trata-se duma utopia em construção, um alvo unificador de inúmeras lutas que poderíamos chamar de libertadoras ou emancipadoras.

O socialismo pode ser resumido como uma sociedade em que reina plena igualdade e liberdade para todos seus membros. Uma sociedade democrática, em que o sufrágio é universal, o governo é representativo e os cidadãos tem os mesmos direitos e deveres e o mesmo acesso aos meios de produção. Em termos políticos, algo como as democracias modernas, em que a participação indireta e direta dos cidadãos nas decisões do poder está em permanente construção. Em termos econômicos, uma sociedade em que os produtores têm plena possibilidade de se associar de forma tão igualitária quanto o desejarem.

O que os socialistas desejam obviamente é uma sociedade em que não haja empregadores e empregados, em que os meios de produção não sejam propriedade privada duma pequena minoria dos cidadãos, enquanto a grande maioria está privada deles e por isso depende dos seus detentores para sobreviver. Mas, as experiências do socialismo ‘real’ tentaram impor uma única modalidade de relação social de produção – o emprego em empreendimentos possuídos pelo estado – proibindo todas as demais. Desta maneira, uma das liberdades fundamentais do homem, a da livre associação, fora abolida em nome da necessidade de se impedir que alguns assalariem outros.

Esta é uma questão crucial. O socialismo só será autenticamente democrático se for o desejo de todos membros da sociedade. Ele não pode ser imposto pela força ou por lei, mesmo se a maioria quiser que o socialismo prevaleça. Assim como, no capitalismo, nada impede que cidadãos se unam para cooperar de forma igualitária no campo econômico, é essencial que no socialismo esta liberdade seja respeitada. Isso por muitas razões, sendo talvez a mais importante de que a chamada **livre associação dos produtores** (um sinônimo de socialismo) ainda está em experimentação, assumindo atualmente diversas formas. Impedir que no socialismo este contínuo experimentar possa se praticar livremente seria o equivalente a privar a organização das atividades econômicas de qualquer progresso. Seria escolher uma única forma de economia solidária (o socialismo no plano micro-social) enquanto as forças produtivas evoluem e por força de sua mudança certamente requererão mudanças também no terreno das relações sociais de produção<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup>Retirado do site: <http://criticasocialista.wordpress.com/artigos-do-paul-singer/reflexoes-sobre-o-socialismo-paul-singer/>

<sup>4</sup> É o que estamos assistindo hoje com a revolução micro-eletrônica. Empresas centralizadas estão sendo desmembradas, o poder da administração está sendo descentralizado, numerosas tarefas são hoje executadas sem que os participantes precisem estar em contato pessoas (presencial) etc.. Não por acaso, o socialismo real mostrou-se incapaz de absorver esta revolução.

Socialismo, portanto, significa uma economia organizada de tal modo que qualquer pessoa ou grupo de pessoas tenha acesso a crédito para adquirir os meios de produção de que necessitam para desenvolver atividades de sua escolha. Isso implica, evidentemente, na eliminação da pobreza, da exclusão social e, portanto, da necessidade das pessoas de acharem um emprego para ganhar a vida. Em princípio, ninguém será coagido a se tornar assalariado, pois todos terão a possibilidade de trabalhar por conta própria, em associação ou isoladamente.

Mas, este direito à autonomia terá necessariamente por contrapartida a necessidade de cada produtor, individual ou coletivo, de encontrar quem compre sua produção e se disponha a pagar por ela um preço que supere os custos, o excedente sendo suficiente para permitir aos produtores um padrão de vida decente. A economia socialista será, portanto, de mercado, mas não de livre mercado. O estado terá de intervir no funcionamento do mercado tendo em vista redistribuir renda, tirando dos que ganham mais e proporcionando a todos uma renda cidadã, que garanta que ninguém seja privado do consumo de bens e serviços considerados essenciais.

Considerando a economia que conhecemos hoje, parece indispensável a preservação de mecanismos de mercado para a distribuição de bens e serviços<sup>5</sup>, exceto os de caráter público, como saneamento, comunicações, assistência à saúde, educação etc.. O que significa que os produtores terão a responsabilidade pela boa qualidade e baixo preço das mercadorias que ofertam no mercado. Se forem superados pelos concorrentes, terão de recomeçar, possivelmente associados a coletivos melhor qualificados.

Nestas condições, é bem possível que parte dos trabalhadores prefira o status de assalariado, em vez de correr o risco da competição. Se houver, por outro lado, pessoas que queiram assumir tais responsabilidades, sem compartilha-las com os que trabalham com eles, é possível que formas capitalistas sobrevivam sob o socialismo. A história das transições entre sistemas socioeconômicos nos ensina que esta possibilidade é muito provável. A liberdade de escolha entre socialismo e capitalismo será fundamental para garantir que a opção pelo socialismo seja realmente livre e não uma imposição por falta de alternativas.

---

<sup>5</sup> Há um debate entre os socialistas que acreditam que através de mercados controlados pelo poder público os ideais democráticos de igualdade social e econômica podem ser realizados e os que acham que só o podem ser por meio dum planejamento democrático (em contraste com o praticado no socialismo 'real'). O fulcro da questão gira ao redor da viabilidade prática dum planejamento em plano nacional que tome por base os desejos expressos e muito variáveis no tempo de produtores e consumidores. Acho esta viabilidade no mínimo improvável, ao menos enquanto produtores e consumidores se comportarem como o fazem atualmente. É claro que sempre podemos supor que as pessoas, no socialismo, serão mais desprendidas e menos competitivas, mas com esta suposição o socialismo se tornaria mero fruto da imaginação, sem tomar em consideração a humanidade como ela é *aqui e agora*. O socialismo pelo qual lutamos é para *esta humanidade*, da qual somos parte. Temos de ganhar para o socialismo as mulheres e os homens com os quais convivemos e não os seus descendentes.

# A Socialização da Sociedade

**ROSA LUXEMBURGO**

A revolução do proletariado, que acaba de começar, não pode ter nenhum outro fim nem nenhum outro resultado a não ser a realização do socialismo. Antes de tudo, a classe operária precisa tentar obter todo o poder político estatal. Mas para nós, socialistas, o poder político é apenas meio. O fim para o qual precisamos utilizar o poder é a transformação radical da situação econômica como um todo.

Hoje, todas as riquezas - as maiores e melhores terras, as minas e empresas, assim como as fábricas - pertencem a alguns poucos latifundiários e capitalistas privados. A grande massa dos trabalhadores, por um árduo trabalho, recebe apenas desses latifundiários e capitalistas um parco salário para viver. O enriquecimento de um pequeno número de ociosos é o objetivo da economia atual.

Esta situação deve ser eliminada. Todas as riquezas sociais, o solo com todos os tesouros que abriga no interior e na superfície, todas as fábricas e empresas, enquanto propriedades comuns do povo, precisam ser tiradas das mãos dos exploradores. O primeiro dever de um verdadeiro governo operário consiste em proclamar, através de uma série de decisões soberanas, os meios de produção mais importantes como propriedade nacional e em pô-los sob o controle da sociedade.

Só então começa propriamente a mais difícil tarefa: a construção da economia em bases totalmente novas.

Hoje, em cada empresa, a produção é dirigida pelo próprio capitalista isolado. O que e como deve ser produzido, quando e como as mercadorias fabricadas devem ser vendidas é o empresário quem determina. Os trabalhadores jamais cuidam disso, eles são apenas máquinas vivas que têm de executar seu trabalho.

Na economia socialista tudo isso precisa ser diferente! O empresário privado desaparece. A produção não tem mais como objetivo enriquecer o indivíduo, mas fornecer à coletividade, meios de satisfazer todas as necessidades. Consequentemente, as fábricas, empresas, explorações agrícolas precisam adaptar-se segundo pontos de vista totalmente novos:

Primeiro: se a produção deve ter por objetivo assegurar a todos uma vida digna, fornecer à todos alimentação abundante, vestuário e outros meios culturais de existência, então a produtividade do trabalho precisa ser muito maior que hoje. Os campos precisam fornecer colheitas maiores, nas fábricas precisa ser utilizada a mais alta técnica; quando às minas de carvão e minério, apenas as mais rentáveis precisam ser exploradas etc. Segue-se daí que a socialização se estenderá, antes de mais nada, às grandes empresas industriais e agrícolas. Não precisamos nem queremos tirar a pequena propriedade ao pequeno agricultor e ao pequeno trabalhador que, com seu próprio trabalho, vive penosamente do seu pedacinho de terra ou da sua oficina. Com o tempo, todos eles virão até nós voluntariamente e compreenderão as vantagens do socialismo sobre a propriedade privada.

Segundo: para que na sociedade todos possam usufruir do bem-estar, todos precisam trabalhar. Apenas quem executa trabalho útil para a coletividade, quer trabalho manual, quer

intelectual, pode exigir da sociedade meios para a satisfação de suas necessidades. Uma vida ociosa, como hoje levam na maioria das vezes os ricos exploradores, acaba. A obrigação de trabalhar para todos os que são capazes, exceto naturalmente as crianças pequenas, os velhos e os doentes é, na economia socialista, uma coisa evidente. Quando aos incapazes de trabalhar, a coletividade precisa simplesmente tomar conta dele – não como hoje, com esmolas miseráveis, mas por meio de alimentação abundante, educação pública para as crianças, boas assistência médica pública para os doentes etc.

Terceiro: a partir do mesmo ponto de vista, isto é, do bem-estar da coletividade, é preciso que os meios de produção, assim como as forças de trabalho sejam inteligentemente administradas e economizadas. O desperdício, que ocorre hoje a cada passo, precisa acabar.

Assim, naturalmente, é preciso suprimir a indústria de guerra e de munição no seu conjunto, pois a sociedade socialista não precisa de armas assassinas. Em vez disso, é preciso que os valiosos materiais e a força de trabalho aí empregados sejam utilizados para produzir coisas úteis. As indústrias de luxo, que hoje produzem todo tipo de futilidades para os ociosos, assim como a criadagem pessoal, precisam igualmente desaparecer. Toda a força de trabalho posta nisso encontrará ocupação mais útil e mais digna.

Se desta maneira criarmos um povo de trabalhadores, em que todos trabalhem para todos, para o bem-estar e o benefício coletivos, então, quarto: o próprio trabalho precisa adquirir uma configuração inteiramente diferente. Hoje em dia, o trabalho, tanto na indústria, quanto na agricultura ou no escritório é, na maioria das vezes, uma tortura e um fardo para o proletário. As pessoas vão para o trabalho porque é preciso, caso contrário não conseguirão meios de subsistência. Na sociedade socialista, onde todos trabalham em conjunto para o seu bem próprio bem-estar, é preciso Ter a maior consideração pela saúde e pelo prazer de trabalhar. Tempo de trabalho reduzido, que não ultrapasse a capacidade normal, locais de trabalho saudáveis, todos os meios para o descanso e o trabalho precisam ser introduzidos, para que cada um faça a sua parte com maior prazer.

Porem para todas as grandes reformas é necessário o material humano correspondente. Hoje atrás do trabalhador, esta o capitalista com seu chicote \_ em pessoa, ou através de seu contra-mestre ou capataz. A fome arrasta o proletário para trabalhar na fábrica, na grande propriedade ou no escritório. O empresário cuida então para que o tempo não seja desperdiçado, para que o material não seja estragado, para que seja fornecido trabalho bom e competente.

Na economia socialista é suprimido o empresário com seu chicote. Aqui os trabalhadores são homens livres e iguais, que trabalham para seu próprio bem-estar e benefício. Isso significa trabalhar zelosamente por conta própria, por si mesmo, não desperdiçar a riqueza social, fornecer o trabalho mais honesto e pontual. Cada empresa socialista precisa, naturalmente, de um dirigente técnico que entenda exatamente do assunto, que estabeleça o que é mais necessário para que tudo funcione, para que seja atingida a divisão do trabalho mais correta e o mais alto rendimento. Ora, isso significa seguir essas ordens de boa vontade, na íntegra, manter a disciplina e a ordem, sem provocar atritos nem confusões.

Numa palavra: o trabalhador da economia socialista precisa mostrar que também pode trabalhar zelosa e ordeiramente sem o chicote da fome, sem o capitalista e seus contra-mestres atrás das costas, que pode manter a disciplina e fazer o melhor. Para isso é preciso auto-

disciplina interior, maturidade moral, senso de dignidade, todo um renascimento interior do proletário.

Com homens preguiçosos, levianos, egoístas, irrefletidos e indiferentes não se pode realizar o socialismo. A sociedade socialista precisa de homens que estejam, cada um em seu lugar, cheios de paixão e entusiasmo pelo bem estar coletivo, totalmente dispostos ao sacrifício e cheios de compaixão pelo próximo, cheios de coragem e tenacidade para ousarem o mais difícil.

Porém, não precisamos esperar quase um século ou uma década até que tal espécie de homens se desenvolva. Precisamente agora, na luta, na revolução, as massas proletárias aprendem o idealismo necessário e adquirem rapidamente maturidade intelectual. Também precisamos de coragem e perseverança, clareza interna e disposição ao sacrifício para continuar a revolução até a vitória. Recrutando bons combatentes para a atual revolução, criamos futuros trabalhadores socialistas, necessários como fundamento de uma nova ordem.

A juventude trabalhadora, sobretudo, é chamada para esta grande tarefa. Como geração futura, ela formará com toda certeza o verdadeiro fundamento da economia socialista. Ela tem que mostrar já, como portadora do futuro da humanidade, que está à altura dessa grande tarefa. Há todo um velho mundo ainda por destruir e todo um novo mundo a construir. Mas nós conseguiremos, jovens amigos, não é verdade? Nós conseguiremos! Como diz o poema:

Não nos falta nada, minha mulher, meu filho, a não ser tudo que cresce através de nós, para sermos livres como os pássaros: nada, a não ser tempo!

## *Perestroika*<sup>6</sup>

MIKHAIL GORBACHEV

[...]

Foi iniciada uma luta sem trégua contra as violações dos princípios socialistas de justiça, sem levar em conta quem cometeu tais infrações. Foi proclamada uma política de abertura. Aqueles que se manifestavam a favor do partido, do governo, dos setores econômicos e das organizações públicas e conduziam suas atividades abertamente puderam dar suas opiniões; limitações e proibições injustificadas foram removidas.

Chegamos à conclusão de que sem acionar o fator humano, isto é, sem levar em consideração os diversos interesses das pessoas, tanto as unidades de trabalho (os "coletivos") como os órgãos públicos e os vários grupos sociais, sem contar com eles e sem atraí-los para se empenharem ativa e construtivamente, será impossível completar qualquer das tarefas fixadas ou mudar a situação.

Sempre gostei da famosa fórmula sugerida por Lênin: o socialismo é a criatividade viva das massas. O socialismo não é um sistema teórico que *a priori* divide a sociedade em dois grupos: aqueles que dão as instruções e os que as seguem. Sou totalmente contrário a um entendimento tão simplista e mecânico do socialismo. O povo, os seres humanos, com toda a sua diversidade criativa, é quem faz a História. Logo, a primeira tarefa da reestruturação, a condição indispensável para garantir o sucesso, é *acordar* aqueles que *adormeceram*, fazendo com que fiquem ativos e atentos; é assegurar que cada um se sinta como dono do país, de sua empresa, escritório ou instituição. Isto é o principal.

Envolver o indivíduo em todos os processos constitui o aspecto mais importante do que estamos fazendo. A *Perestroika* deve contribuir para elevar o nível da sociedade e, acima de tudo, do próprio indivíduo. O trabalho que começamos tem essa seriedade e constitui algo bastante difícil. Mas a vitória vale a pena.

Tudo aquilo que estamos fazendo pode ser interpretado e avaliado de outro modo. Há uma história antiga que diz que um viajante se aproximou de algumas pessoas que estavam construindo uma obra e perguntou a cada uma: "O que está fazendo?". Um deles respondeu, irritado: "Ora, veja, carregamos estas malditas pedras dia e noite...". Um outro ergueu-se, endireitou os ombros e disse orgulhosamente: "Veja, estamos construindo um templo!". Logo, se essa meta grandiosa for vista como um templo magnífico numa colina verdejante, então a pedra mais pesada será leve, o trabalho mais exaustivo, um prazer.

Para fazer algo melhor, é preciso trabalhar um pouco mais. Gosto desta frase: trabalhar *um pouco mais*. Para mim não é apenas um slogan, mas um estado de espírito favorável, uma disposição. Qualquer trabalho que se faça deve ser agarrado e sentido com a alma, a mente e o coração: só assim se trabalhará um pouco mais.

Uma pessoa desanimada não trabalhará um pouco mais. Ao contrário, desistirá diante das dificuldades, pois elas a dominarão. Mas se uma pessoa é forte em suas convicções e conhecimentos, é forte moralmente, não pode ser domada: aguentará qualquer tempestade. Sabemos disso graças à nossa história.

---

<sup>6</sup> Retirado do livro: GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika*. São Paulo, Editora Best Seller, 1987.

Atualmente, nossa tarefa principal é erguer o indivíduo espiritualmente, respeitando seu mundo interior e dando-lhe apoio moral. Nós procuramos fazer com que todo o potencial intelectual da sociedade e todas as forças da cultura ajam para moldar um ser social ativo, espiritualmente rico, justo e consciencioso. O indivíduo precisa sentir e saber que necessitamos de sua contribuição, que sua dignidade não está sendo prejudicada, que está sendo tratado com confiança e respeito. Quando enxerga tudo isso, é capaz de realizar muito mais.

É claro que a *perestroika* afeta de algum modo a todos. Ela sacode as pessoas de seu habitual estado de calma e satisfação com relação ao modo de vida existente. Penso que aqui seja adequado destacar uma característica especial do socialismo: o alto grau de proteção social. De um lado, é sem dúvida um benefício e uma grande conquista, mas, de outro, faz de algumas pessoas uns parasitas.

Na realidade, não existe desemprego: o Estado encarregou-se de assegurar a ocupação. Mesmo uma pessoa dispensada por indolência ou violação da disciplina de trabalho tem de ter outro emprego. O nivelamento de salários também se transformou numa característica de nosso dia-a-dia: mesmo que seja um mau trabalhador, ganhará o suficiente para viver com bastante conforto. Os filhos de parasitas totais não ficarão à mercê do destino. Temos enormes somas concentradas nos fundos sociais dos quais os indivíduos recebem assistência financeira. Esses mesmos fundos fornecem subsídios para a manutenção de jardins de infância, orfanatos, lares de jovens pioneiros<sup>7</sup> e outras instituições relacionadas com a criatividade da criança e os esportes. A assistência médica é grátis, bem como a educação. Os indivíduos são protegidos dos reveses da vida e sentem-se orgulhosos disso.

Mas constatamos também que pessoas desonestas tentam explorar essas vantagens do socialismo. Conhecem apenas seus direitos, mas não querem saber de seus deveres. Trabalham mal, esquivam-se do trabalho e bebem demais. Há um grande número de indivíduos que adaptou as leis e costumes vigentes para servir seus próprios interesses egoístas. Dão pouco à sociedade mas conseguem, apesar disso, obter tudo que é possível dela, e até mesmo o que parece ser impossível: vivem de rendas imerecidas.

A política da reestruturação coloca tudo em seu devido lugar, pois estamos restaurando o princípio socialista: *de cada um de acordo com sua capacidade, a cada um de acordo com seu trabalho*. Procuramos também assegurar a justiça social para todos, iguais direitos, uma única lei, um só tipo de disciplina e altas responsabilidades para todos. A *perestroika* elevou o nível de responsabilidade social e de expectativas. Os únicos indivíduos a ressentir-se das mudanças são os que acreditam já possuir o que precisam; logo, por que deveriam se reajustar? Mas, se eles têm consciência, se não se esquecem do bem de seu povo, não podem e não devem raciocinar de tal modo. E a *glasnost*, ou transparência, revela os privilégios ilegais gozados por esses indivíduos. Não podemos mais tolerar a estagnação.

Colocamos o problema da seguinte maneira: o operário e o gerente, o operador de máquinas agrícolas e o diretor de uma agremiação, o jornalista e o político, todos têm de rever algo em seu estilo e métodos de trabalho e precisam avaliar criticamente suas próprias

---

<sup>7</sup> Lares e centros de jovens pioneiros: instituições extracurriculares que incentivam nos educandos o amor e o interesse por trabalho e ciência criativos, desenvolvendo a capacidade criativa, dando orientação vocacional e cuidando da atividade social da nova geração.



posições. Propusemo-nos a tarefa de vencer a inércia e o conservadorismo rapidamente, de modo a incitar o orgulho de todos. Isso atinge muitas pessoas, a maioria, embora algumas reajam negativamente, principalmente as que têm consciência de seu apego ao antigo. Também precisamos olhar para nós mesmos, analisar se vivemos e agimos de acordo com nossa consciência. Em algumas coisas talvez tenhamos errado o caminho, adotando padrões estranhos aos nossos, como, por exemplo, uma mentalidade consumista filistéia. Se aprendermos a trabalhar melhor, a sermos mais honestos e decentes, então criaremos um estilo de vida verdadeiramente socialista.

É essencial que olhemos para frente. Precisamos ter suficiente experiência política, perspectiva teórica e coragem cívica para obter sucesso, para garantir que a *perestroika* satisfaça os altos padrões morais do socialismo.

Precisamos do funcionamento saudável e vigoroso de todas as organizações públicas, grupos de produção e sindicatos criativos, formas novas de atividades dos cidadãos e o renascimento daqueles que foram esquecidos. Em resumo, *precisamos da ampla democratização de todos os aspectos da sociedade*. Esta democratização é também a principal garantia de irreversibilidade do curso atual.

Sabemos hoje que poderíamos ter evitado muitos problemas se o processo democrático tivesse se desenvolvido normalmente. Aprendemos essa lição de nossa história e não a esquecemos. Agora vamos nos ater firmemente à ideia de que só podemos ter progresso na produção, ciência, tecnologia, cultura e arte, e em todos os campos sociais, se promovermos o desenvolvimento constante das fórmulas democráticas inerentes ao socialismo e da expansão da autogestão. Este é o único modo de garantir uma disciplina consciente. A própria *perestroika* só pode ser consumada através da democracia. Já que vemos nossa tarefa como a liberação e o uso do potencial socialista através da intensificação do fator humano, não pode haver outro caminho senão o democrático, incluindo a reforma do mecanismo econômico e da administração, uma reforma cujo principal elemento é a promoção do papel dos coletivos de trabalho.

Exatamente porque enfatizamos o desenvolvimento da democracia socialista é que prestamos tanta atenção ao campo intelectual, à conscientização do povo e a uma política social ativa. Desse modo, poderemos revigorar o fator humano.

[...]